THESE

PARA

O CONCURSO DE PROFESSOR SUBSTITUTO

DE

RHETORICA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL

DO

IMPERIAL COLLEGIO D. PEDRO II

POR

CARLOS FERREIRA FRANÇA

BACHAREL EM DIREITO PELA FACULDADE DE S. PAULO

E EM LETTRAS PELO MESMO COLLEGIO.

RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31

1879

THESE

THESE

PARA

O CONCURSO DE PROFESSOR SUBSTITUTO

DE

RHETORICA, POETICA E LITTERATURA NACIONAL

DO

IMPERIAL COLLEGIO D. PEDRO II

POR

CARLOS FERREIRA FRANÇA

BACHAREL EM DIREITO PELA FACULDADE DE S. PAULO

E EM LETTRAS PELO MESMO COLLEGIO.

RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Ouvidor 31

1879

INTRODUCÇÃO

Ha mais de um seculo já, que se opera na litteratura brazileira uma elaboração tendente a accentuar o *cunho da sua nacionalidade.*

Iniciado esse movimento por Basilio da Gama e Santa Rita Durão, continuado com certo enthusiasmo pelos poetas do fim do seculo passado, nomeadamente pelos inconfidentes, e com certas intermittencias pelos poetas do começo deste seculo, ganhou grande importancia no segundo reinado, com a implantação do romantismo, feita por Domingos de Magalhães, Porto-Alegre, Gonçalves Dias, Teixeira de Souza e tantos outros.

Depois veio a pleiade dos talentos que se guiaram pelos moldes de Byron, de Victor Hugo, de Lamartine, de Alfredo de Musset. Foi a época de Junqueira Freire, de Alvares de Azevedo, Laurindo Rabello, Casimiro de Abreu, Aureliano Lessa e muitos mais.

Hoje uma nova geração desponta cheia de enthusiasmo e parece inspirar-se n'outra ordem de idéas e alistar-se á sombra de uma nova bandeira. O realismo começa a fazer brecha nas muralhas estremecidas do romantismo. A poesia individual, de um subjectivismo pessoal, cede o passo á poesia social e humanitaria. A esthetica moderna entra a reformar os velhos canones.

A nacionalidade da litteratura brazileira é hoje quasi indisputada. As nossas producções litterarias têm já feição propria e caracteristica. As condições do *meio* já têm influido e continuam a exercer acção cada vez mais vigorosa sobre ellas.

Cabe ao Brazil a primasia de ter inspirado com a sua natureza esplendida os primeiros escriptos de character americano.

Emquanto em 1769 se publicava o *Uraguày* de José Basilio da Gama e em 1781 o *Caramurú* de Frei José de Santa Rita Durão, só em 1801 imprimia Chateaubriand *Atala*, apparecendo de 1826 a 1831 *Os Natchez*, e em 1834 *As viagens na America, França e Italia.*

Bernardino de Saint Pierre só em 1787 deu a lume o seu *Paulo e Virginia.*

Ercilla, publicando no seculo XVI a sua *Araucana*, não offerece no seu poema nenhuma côr local.

Cooper, o famoso escriptor americano, só em 1820 tornou-se romancista. O seu primeiro romance americano é o *Spy*, datado de 1821. Em 1823 deu á estampa o *Pionneers*, com referencia a sua habi-

tação na visinhança do lago Otsego e cujo heroe é Leatherstocking. O *Last of the Mohicans* pertence ao anno de 1822. Depois é que foi composto o *Prairies*.

Depois de Cooper, muito mais tarde é que floresceram Bryant e Longfellow.

Forão, pois, os epicos do *Uraguay* e do *Caramurú* os que desbravaram a senda que devia trilhar a poesia americana, divulgando as bellezas d'America, e emprestando ás suas descripções o colorido da natureza dos tropicos.

Emquanto muitos poetas se deixavam ainda impressionar pelas recordações classicas, e cantavam a natureza da Grecia, no Brazil os poetas se enlevavam nas paysagens e scenas brazileiras e faziam-se notaveis pela sua côr local.

Claudio Manoel da Costa, Silva Alvarenga, S. Carlos, são tambem os representantes genuinos da poesia brazileira no fim do seculo XVIII.

Neste seculo, ao aproximar dos dias da nossa independencia, apparece Natividade Saldanha, cantando os feitos das *Tabocas* e dos *Guararapes*, João Gualberto, cheio de sentimento quando chorou a saudade paterna, Januario da Cunha Barbosa, o poeta da *Nictherohy*, Francisco Bernardino Ribeiro e ainda outros.

Em 1836 surge a escola romantica, abundante de talentos. Inaugura esta escola o Sr. Domingos de Magalhães, o autor dos *Suspiros Poeticos* e *Confederação dos Tamoyos*, ao qual se succedem Gonçalves Dias, o poeta dos *Cantos* e dos *Tym-*

biras, Porto Alegre, o cantor das *Brazilianas* e do *Colombo*.

Na phalange de poetas que mais tarde appareceram, figurou entre os poetas lyricos Bernardo Guimarães, e alguns annos depois começou a apparecer Fagundes Varella.

D'entre tantos poetas que tem illustrado as nossas lettras, cumpre-nos volver a attenção para quatro.

São todos eminentemente brazileiros.

Porto Alegre e o *Colombo*, Gonçalves Dias e os *Tymbiras*, Fagundes Varella e Bernardo Guimarães, como poetas lyricos, eis o objecto das paginas que seguem.

E' um estudo rapido, verdadeiro esboço, que outra cousa não nos permittia a escassez do tempo.

Aquelles que conhecem o assumpto, saberão aquilatar-lhe a difficuldade.

Sirva-nos de amparo a sua indulgencia.

E, por menos valioso que seja o nosso trabalho, cujas imperfeições somos o primeiro a proclamar, alenta-nos a consciencia de ter cumprido, como podemos, o nosso dever.

Será, pois, o caso de repetir aqui: *Fac et spera*.

THESE

LITTERATURA BRASILEIRA

Colombo. Os Tymbiras. — Poesias lyricas. Fagundes Varella e Bernardo Guimarães. — Apreciações destas obras.

I

COLOMBO

De quantos poemas epicos tem emprehendido poetas brazileiros, é o *Colombo*, talvez, o de concepção mais grandiosa e arrojada. Assumpto proporcionado á épopéa, é elle cheio de interesse e magnitude.

Cantar Colombo é cantar muito heroismo e muita grandeza; é cantar o genio pujante e vidente, a lucta da sciencia e do talento contra a ignorancia e o preconceito, a coragem indomavel a arcar com os elementos da natureza, com a

cobiça, com a inveja, com a malquerença, com a duvida, com o erro, com o odio, com a injustiça e até com a ingratidão dos homens; é cantar a perseverança que não esmorece, o trabalhar que não vacilla, a esperança que não morre, e a resignação que dá conforto e alento para o soffrer e desapêgo para esquecer o mundo terreno e só contemplar o céo. É cantar uma gloria universal, porque tal é Colombo, embora reclame Genova a honra de ter-lhe sido o berço, e a Hespanha a de tel-o abraçado quando o mundo inteiro o repellia rindo, e escarnecendo até de suas prophecias de genio.

Descobrindo a America não conquistou sómente um florão para os brazões de Hespanha, inaugurou para a humanidade inteira mais um theatro de luctas e triumphos, alargou os limites do mappa das nações, addicionou ao velho mundo um mundo novo, e franqueou a estrada que devia conduzir ao seio de florestas virgens, a povos barbaros e selvagens a civilisação. Era justo que um poeta americano erigisse em honra sua um monumento que perpetuasse a gloria de tão grandioso feito, pois grande é a divida de gratidão que com Colombo contrahiu a America.

Emprehendeu tal tarefa um poeta brazileiro, Manoel de Araujo Porto-Alegre. A empreza era colossal, mas não era licito duvidar do exito. Porto-Alegre com as *Brazilianas* já se revelára poeta americano; ninguem mais do que elle tinha

o estro adequado á epopéa, o dizer mais energico e grandiloquo; possuía imaginação impetuosa e rica; pintor, tinha-se affeito a contemplar as grandes scenas da natureza para depois reproduzil-as; era familiar com a historia, onde estudava os factos e a sua philosophia, com a archeologia, á luz da qual perscrutava os segredos do passado; manejava emfim, com raro e profundo conhecimento, a lingua portugueza, tendo o segredo artistico da fórma, sempre correcta, e possuindo um vocabulario opulentissimo.

Mais de vinte annos gastou em compôr o poema, e dando a lume, de tempos a tempos, um fragmento, publicou inteira a obra em 1866.

Devia ser um acontecimento litterario tal publicação, mas, doloroso é dizer-se, não o foi. Poucos, então e depois, leram o *Colombo;* menos ainda foram os que o estudaram.

Não faltou quem, deixando-se cegar pelo enthusiasmo, enxergasse no livro uma maravilha, assim como quem o tachasse de obra imperfeitissima. Ambos os juizos peccam: por optimismo um, por pessimismo outro.

O poema não parece na altura do que se esperava de Porto-Alegre, e até certo ponto mesmo produziu, quando publicado, tal ou qual decepção; mas ainda assim está mui longe de merecer qualificação desairosa.

Tem grandes defeitos, graves até, mas em compensação muitas bellezas e essas tantas, que

não duvidamos protestar contra o indifferentismo que para com elle tem havido. É questão de tempo. O *Colombo* ainda ha de ser devidamente apreciado; pesar-se-hão um dia suas bellezas e senões; e então, fazendo-se justiça, se ha de confessar ser elle um bello trabalho cheio de merito e que, apezar de suas imperfeições, occupa distincto logar, merecendo passar aos vindouros, que melhor do que nós o saberão julgar.

A concepção do poema, como já o dissemos, é grandiosa. O assumpto presta-se perfeitamente ás proporções epicas, é cheio de interesse e dá ensejo para serem descriptas as scenas grandiosas da natureza americana e se estudarem as legendas, as tradições, os costumes e a vida dos povos da America. Talhado estava pois para um poeta americano; e bem avisado andou Porto-Alegre na escolha.

Não faltavam ao poeta successos puramente nacionaes, que, avigorando o seu patriotismo, lhe podessem inspirar cantos mais sublimes; mas nem por isso lhe condemnamos a preferencia.

O plano do poema não nos parece feliz; o seu desenvolvimento não está bem delineado; é longo em demasia, pois contém quarenta cantos e um prologo.

O assumpto, apezar de vasto, não dá para tanto; e a prova se acha na multidão de episodios e accidentes de que está cheio o poema, muitos dos quaes sem relação immediata com a acção principal e muitos outros ainda sem interesse.

O poema tornou-se fatigante, perdendo tambem com isso a acção principal, que desapparece no turbilhão de tantas digressões, podendo-se dizer que em relação ao todo ella representa apenas uma pequena fracção.

O prologo é mal cabido, é uma excrescencia, falta-lhe ligação necessaria com o objecto do poema; e, dizendo respeito a factos que podiam constituir talvez outro poema, só o capricho o teria feito incorporar ao *Colombo*, sendo isso tanto mais exacto, quanto o poeta logo depois do prologo abre o poema com a invocação e a exposição, como si de nada houvera tractado antes.

Passando ao poema, notaremos nelle episodios que podiam ser banidos, o que seria de grande vantagem, por tornal-o menos extenso e pesado, não soffrendo talvez a belleza, pois ainda muito restaria de grandioso e bello.

É assim que se podia supprimir o canto VII que nada tem de commum com a acção, confessando o poeta mesmo ser um desvio:

> « Perdoa-me, Colombo, este desvio!
> « Um vate me interroga......

Este canto dava para uma boa epistola, mas nunca devêra ser incluido no poema ainda mesmo significando a resposta a uma interrogação feita a Porto-Alegre por Magalhães na *Confederação dos Tamoyos*.

O episodio de Leonor no canto VIII julgámos tambem escusado. Apartamo-nos da opinião

de um critico que o achou encantador. Para nós este episodio não vem ornar o poema, nem tem cabimento senão para fornecer uma lição de moral e dar uma ideia da austeridade de costumes de Colombo; o que o poeta conseguiria em poucas palavras melhor, e sem exhibir um quadro onde está pintada a sensualidade feroz de uma esposa impudica.

A descripção do inferno, aliás lindissima, podia tambem ser preterida: é extremamente longa e não tem concatenação com a materia do poema.

Este como tantos outros episodios são esplendidas télas, que, destacadas, merecem applausos, porém, incorporadas ao poema, o prejudicam.

É ainda por demais vasta a amplitude que têm as discussões ácêrca das antiguidades, da historia e da cosmogonia mexicana e peruana.

Muitos mais exemplos poderiamos adduzir, mas estes bastam para corroborar a opinião de que o poeta prodigalisou accessorios desconnexos, quando não fastidiosos.

São tão frequentes os dialogos no poema, que este parece ás vezes perder a fórma épica e revestir o caracter exclusivamente dramatico, do mesmo modo que as dissertações geologicas, archeologicas e historicas lhe emprestam por vezes certo tom didatico.

No decurso da acção, além de continuas interrupções com digressões superfluas, ha scenas

assaz demoradas e longas, e não são ellas poucas.

Os episodios phantasticos são tão amiudados e se envolvem tanto com os factos historicos, que o poema se torna tambem um pouco phantastico, o que faz esfriar o interesse que deve despertar.

Si ás vezes peccou o poeta por alongar-se nas descripções, outras foi deficiente. É o que se dá quando, estendendo-se longamente sobre o Perú e o Mexico, quasi nada diz dos Estados Unidos, que tão grande papel representam; e, quando occupando-se detidamente com os Incas e Aztecas, se esquece completamente da theogonia dos indios brazileiros, a qual devia merecer-lhe especial attenção.

A desproporcionalidade nota-se ainda em muitos pontos. Citaremos entre outros as discussões com Pamorphio, a canção de Alcé no canto VIII, canção de vinte e nove quadras, estirada para lêr e mais ainda para cantar á tiorba.

No meio d'esse apparato de episodios, d'essas passagens interminaveis, a proposito de qualquer objecto mexicano ou peruano, não ha uma descripção especial do mar, como bem o notou um distincto poeta e critico, cujas observações muito nos tem valido.

E o *Colombo* devia sobretudo ser uma epopéa maritima. Ahi não se vê o oceano figurar, como na Odysséa de Homero, na Eneida de Virgilio, nos Luziadas de Camões. O oceano, theatro das glorias do protogonista, é apenas motivo de ligeiros e rapidos bosquejos.

O maravilhoso do poema tem pouco interesse, não está de accôrdo com as idéas d'este seculo. Concebemos o maravilhoso de Homero e de Virgilio, porque o paganismo estava nas tradições dos povos hellenicos e dos romanos. Comprehendemos o elemento maravilhoso do Dante, porque reflectia ainda a *Divina Comedia* as crenças da meia-edade. Admittimos o maravilhoso de Camões, porque com a renascença se restaurára a antiguidade, e portanto os mythos e tradições pagãs deviam resuscitar emquanto o christianismo estava em pleno dominio e florescencia, sendo conseguintemente imprescindivel tambem o maravilhoso christão nas epopéas d'esse tempo. Hoje porém já não produzem tanto resultado esses dragões, esse Pamorphio, especie de Mephisthopheles, e os gnomos, ondinas, sylphos e salamandras que povoam o sonho de Colombo no canto III.

Bella amostra do que deve ser o maravilhoso dá-nos o poeta no canto XXXVIII, quando faz apparecer a Colombo em Sagres o Infante D. Henrique que lhe dirige a palavra.

Máo effeito produziram-nos certas situações do poema em que ha muito fogo, muita chispa, muita centelha, como acontece quando o poeta se occupa com o dragão, com Pamorphio e com os vulcões.

Achamos exemplo d'isto no V e VI cantos, onde o poeta falla do Pico de Tenerife; no canto X, quando descreve o monstro do mar o qual

pela bifida lingua esputa flammas, e no canto XI, onde diz:

« Em fórma de cometa, um lume esguicha
« Da boca de Pamorphio e inunda a estancia...

E como estas muitas outras situações identicas.

Isso tudo dá ao poema um colorido falso, de effeito algum tanto pueril.

A par d'esses defeitos rapidamente apontados, ha, como já dissemos, bellezas e muitas.

O prologo, apezar de ser mal cabido, é primoroso; nelle destacam-se a descripção das maravilhas de Alhambra, descripção deslumbrante, e a narração do torneio, que pode bem rivalisar com as paginas que sobre identico assumpto escreveu Walter Scott no *Ivanhoe*. A tempestade que assaltou os nautas no archipelago das Canarias é um bello episodio, narrado com muita proficiencia, no qual ha muito movimento e energia. É lindissima a situação do canto II, em que Colombo consegue conjurar os animos revoltados da marinhagem e applacal-a com palavras cheias de paixão, de energia, e sobretudo eloquentissimas. É uma das mais bellas passagens do poema e como amostra do que vale destacamos um trecho d'aquelle discurso. Eil-o:

« Chamou-me a côrte — o louco! e a ignorancia
« Sorrindo com tripudio tresloucado,
« No Caucaso do escarneo encadeou-me;
« Qual novo Prometheo exposto ás iras,
« Da furia popular, de estultos bonzos,

« E de aulicos servís que o throno aviltam
« Surdos foram-me os reis, a patria surda,
« E a ignara humanidade atada ao jugo
« Do plaustro do passado, que hoje rola
« No circo eivado das caducas éras;
« Mas achei Izabel, Eva Cesarea
« D'essa prole de Imperios nunca vistos,
« Que hão-de em breve a seus pés ajoelhar-se

« Dizer-vos o que sei?... Não o entendêreis
« Mostrar-vos o que vejo?... Vossas vistas
« Não podem supportar lume tão grande!...
« O céo se espelha em predilectas almas
« Quando quer revelar os seus mysterios,
« E essas almas na terra tudo vencem.
« Travar póde o engenho o vasto oceano,
« Com as azas medir altos recessos,
« Roçar pelas verdades inda occultas,
« Vadear os abysmos do infinito,
« O envolucro sidereo abrir de um astro,
« Sobre o limbo do sol erguer seu throno
« E o inferno do mar! Tudo elle póde!
« Mas o braço que idéas realisa,
« E ao cabo leva nunca vista empreza,
« É só de homem provado. As portas de ouro
« Do céo da gloria nunca ao Sybarita
« Ingresso deram; só a raça herculea
« E que vence perigos e edifica,
« Pode o solio pizar da eternidade.

« As faces alizae: estou comvosco.
« Patria, descanço, amor, riquezas, tudo
« Em breve vos darei; mas é loucura
« Antes do affan pedir a recompensa,
« E o triumpho primeiro que a victoria.

Não ha quem conteste a belleza dos versos que ahi ficam, sentindo nós que o espaço não nos permitta transcrever ainda outros como estes tão magestosos.

Apezar de condemnarmos sua inclusão no poema, nem por isso deixamos de reconhecer o merecimento do canto VII, no qual responde Porto-Alegre a Magalhães, que lhe perguntára o que fôra feito dos seus pinceis. Ha ahi muito sentimento, diremos até nostalgia, e o poeta parece recordar-se, cheio de saudades, da sua palheta, dos seus pinceis e das suas illusões e ideaes de artista, e que foram outr'ora todo o seu encanto.

Muitas são ainda as passagens em que o autor ergueu-se em remontado vôo, e, inspirado, cantou em bellos versos. Fôra longo cital-as todas, mas ainda assim não podemos deixar de mencionar o canto XXXVIII, em que o poeta descreve Sagres e occupa-se com o Infante D. Henrique, episodio esse muito apropriado a uma epopéa maritima, e no qual é prestada à devida homenagem a esse principe cheio de iniciativa, e que tão bem soube justificar por seus commettimentos a sua legendaria divisa — *Le talent de bien faire.*

Resta-nos fallar do estylo, do tom, da linguagem e da metrificação do poema.

Resumamos. — O estylo é energico e vigoroso, rico de imagens, pompas e harmonias. O tom é grandiloquo e solemne, embora se resinta quasi sempre de certa frieza, de ausencia de suavidade, sendo poucas vezes apaixonado e terno. Uma d'essas poucas vezes é aquella em que Porto-Alegre se despede do poema, que fôra seu companheiro constante de tantos annos e cuja partida

ó enche de saudade e melancolia, derramando nessa occasião tambem sentido pranto pelo passamento de duas filhas, que elle tanto amára, e que foram arrebatadas na flôr da edade pela morte. São realmente sentidas, pungentes essas paginas onde está estampada a tristeza e o amor paternal. É chave de ouro com que o poeta fecha o seu poema.

A metrificação do *Colombo* é artisticamente trabalhada, sendo admiravel como em tantos milhares de versos haja tão poucos imperfeitos e mal acabados.

A linguagem de que se serve Porto-Alegre é pura e castigada; e rico o seu vocabulario. Pena é que, apezar de taes primores, haja por vezes abuso de archaismos, de termos technicos e emprego de palavras que por muito repetidas chegam a causar tedio.

Criticos pacientes têm conseguido descobrir esses bordões, entre os quaes se contam *ovante*, *regia*, *avito*, *ultrix*, etc.

Não fazemos d'isso grande cabedal, porque grandes genios em igual culpa cahiram sem que isso lhes prejudicasse a fama.

Taes são as observações que nos suggeriu o *Colombo*.

Apontámos defeitos e destacámos bellezas, sendo possivel que muita cousa nos escapasse; mas quanto nos é licito julgar diremos:

Si o *Colombo* não tem a côr local, a paixão, a melodia dos Tymbiras, si não tem o interesse

nacional, o nativismo da *Confederação dos Tamoyos*, tem grandeza epica superior e assegura a Porto-Alegre a mesma gloria que souberam conquistar Gonçalves Dias e Domingos Magalhães.

II

OS TYMBIRAS

Era já um vulto illustre nas lettras brazileiras Antonio Gonçalves Dias quando publicou o seu fragmento dos *Tymbiras*.

Já as summidades litterarias de dois povos o tinham saudado entre os primeiros poetas do Brazil, cabendo a Alexandre Herculano o festejal-o com as primeiras flores, acclamal-o a mais bella esperança e o inaugurador de uma phase brilhante para as lettras brazileiras.

Já havia obtido alto renome como poeta lyrico com os seos melodiosos e inspirados *Cantos*, quando ambicionou os laureis de poeta epico e concebeu o projecto de escrever um poema americano.

Longas locubrações e vigilias nessa empreza gastou, mas pôde um dia emfim publicar um fragmento do poema, comprehendendo uma introducção e os quatro primeiros cantos.

A' maneira de Gœthe com o *Fausto* e de Byron com o *Dom João*, quiz o cantor do *Gigante de Pedra* publicar o seu poema por fragmentos, para ir aproveitando em cantos subsequentes e ineditos as lições que a critica sã e sabia suggerisse e que o tempo e a meditação lhe fornecessem. Si bem avisado andou quando confiou mais no tempo, unico capaz de fazer produzir bem acabados e sasonados fructos, do que no enthusiasmo febril de rapidos momentos, não é menos certo que a fatalidade bem caro lhe fez pagar tanta prudencia e acerto.

O monumento litterario que o poeta tencionava erguer, e cujo começo apenas patenteou, em começo ficou.

Resta unicamente esse fragmento em quatro cantos e tudo mais perdeu-se. Menos feliz que Camões, que salvou das vagas os seus *Luziadas*, o poeta dos *Tymbiras* desappareceu no seio das ondas, levando comsigo para sempre o mais rico dos seus thesouros, e que tanta opulencia traria ás patrias lettras.

Effectivamente foi uma grande perda para a nossa litteratura, e só igual ao sentimento que causou o desapparecimento do resto do poema, é o applauso que tem merecido o fragmento que possuimos.

Assim como as ruinas que as edades nos legaram de velhos monumentos e estatuas nos revelam o que seriam os primores da architectura

e estatuaria antiga, completando e reconstruindo a imaginação o todo mutilado e derrocado pelo tempo, assim esses quatro cantos deixam adivinhar o que seriam os *Tymbiras* em sua integridade. A prova d'isso está na admiração que tal fragmento tem produzido.

Os *Tymbiras* deviam ser a realisação do poema genuinamente americano, mais especialmente de genero indiano; genero que constitue uma das faces caracteristicas de certas creações da nossa litteratura, e é forçoso convir que, ainda fragmentado, é esse poema o mais notavel monumento da poesia brazileira indiana.

Nelle está representado o elemento indigena do Brazil em toda a pureza e verdade. Estão espelhadas as nossas selvas, as grandiosas scenas da natureza tropical, narrados os costumes e a vida do gentio, as suas luctas e as suas festas, os seus trabalhos e os seus prazeres, as suas crenças e os seus ritos, a sua linguagem rude e pittoresca, tudo emfim. Como assim não ser, si o assumpto do poema era exclusivamente indigena, e Gonçalves Dias tinha pronunciada sympathia pelo indio, cujas desgraças o haviam commovido, cuja vida independente e agreste o tinham encantado?

Varridas do solo patrio e da historia, Gonçalves Dias quiz resuscitar e rehabilitar essas infelizes tribus, fazendo-as reviver no seu poema e temperando-lhes a barbaria com a poesia heroica dos feitos guerreiros, e a narração pittoresca da vida, crenças e costumes do indio.

Até certo ponto esse poema póde-se considerar um brado de protesto e um gemido de saudade. A's vezes parece um grito partido das florestas contra o conquistador que arrebatou ao vencido incola o solo e muitas vezes tambem a liberdade escravisando-o. Outras vezes é o pranto da saudade pelos tempos idos, pelos logares queridos, que não tornarão a ver, pela destruição das florestas, pela vida que passou.

E' o que resalta dos versos em que o poeta diz :

« ... Chame-lhe progresso
« Quem do exterminio secular se ufana;
« Eu, modesto cantor do povo extincto,
« Chorarei nos vastissimos sepulchros,
« Que vão do mar aos Andes, e do Prata
« Ao largo e doce mar dos Amazonas.
« Alli me sentarei meditabundo
« Em sitio, onde não ouçam meus ouvidos
« Os sons frequentes d'europeos machados
« Por mãos de escravos afros manejados. »

E ainda nos seguintes:

« Aos crimes das nações Deus não perdôa;
« Do pae aos filhos e do filho aos netos,
« Porque um d'elles de todo apague a culpa,
« Virá correndo a maldicção — contínua,
« Como fusís de uma cadêa eterna.
« Virão nas nossas festas mais solemnes
« Myriadas de sombras miserandas
« 'Scarnecendo, seccar o nosso orgulho
« De nação; mas de nação que tem por base
« Os frios ossos da nação senhora,
« E por cimento a cinza profanada
« Dos mortos, amassada aos pés d'escravos. »

E finalmente nestes:

« America infeliz, já tão ditosa
« Antes que o mar e os ventos não trouxessem
« A nós o ferro e os cascaveis da Europa?! »

Essa sympathia e a impressionabilidade do seu espirito diante das scenas esplendorosas de nossa natureza pujante, o encanto que encontrava nos estudos que fazia ácêrca da lingua, do caracter, dos usos e costumes, das superstições e lendas dos nossos indigenas, tudo isso o induziu e habilitou a conceber e realisar um poema *indiano.*

Devia o poema compor-se de dezeseis cantos, e já em 1853 estavam promptos doze, dos quaes nos dá noticia o illustrado escriptor brazileiro, o Sr. Dr. Henriques Leal, de cujas informações e luzes muito nos aproveitamos. Entretanto só em 1857 vieram á luz os quatro primeiros cantos.

Vejamos o poema.

Precede esses quatro cantos uma introducção em que o poeta expõe o assumpto. Eil-o:

« Os ritos semi-barbaros dos Piagas,
« Cultores de Tupan, e a terra virgem
« Donde como d'um throno emfim se abriram
« Da cruz de Christo os piedosos braços;
« As festas, e batalhas, mal sangradas
« Do povo americano agora extincto,
« Hei de cantar na lyra »...

Vê-se pelo exposto qual o objecto com que se pretendia occupar o autor.

Devia ser o poema eminentemente nacional, não só pela côr local, de que o revestio Gonçal-

ves Dias, como pela descripção dos usos, costumes e tradições dos indios que cantou.

Tal é o conceito que ácêrca dos *Tymbiras* fórma, entre outros, o nosso laureado poeta e eminente critico o Sr. Conselheiro Francisco Octaviano, dizendo:

« E' um poema americano, bem nosso, exclusivamente nosso, é um episodio da raça indigena do Brazil idealisado pelo poeta de suas desgraças, de suas guerras, de seu heroismo. Está cantado em magnificos versos, que só podiam inspirar a nossa natureza e esse sol fecundo que nos allumia. »

De feito, Gonçalves Dias comprehendeu que tinha no elemento indigena uma das inexhauriveis fontes de inspiração nacional.

Embora a acção se desinvolva quasi exclusivamente com a lucta dos Tymbiras e dos Gamellas, ainda assim o poeta tencionava, conforme o testemunho de um illustrado escriptor que já citamos, introduzir no poema o elemento europeu, representado pelo povo conquistador, augmentando dest'arte o interesse da epopéa e o seu valor historico.

No poema, desde o primeiro verso até o ultimo, ha sempre o que admirar, sempre o mesmo colorido, sem nunca desmaiar a côr local; sempre a imagem sobria, mas encantadora; grande variedade de episodios mui adequados e bem cabidos; o desenho dos personagens bem acabado e completo, e a descripção das scenas sempre fiel e viva.

Difficil é portanto destacar, entre tantos primores, as passagens mais notaveis. Ainda assim o faremos, começando por citar a lucta do canto I entre o chefe dos Gamellas e Itajuba, chefe dos Tymbiras. É um quadro traçado com tanta energia e vigor, ha nelle tanto movimento, tanta firmeza na narração, que nos lembra os combates singulares descriptos pelos grandes epicos antigos.

A revista passada aos heroes tymbiras que acodem ao rebate tocado por Itajuba no atroador memby é uma pagina admiravel do mesmo canto. Que grandeza e vigor nos traços, que propriedade no desenho dos perfís e nos epithetos, que não invejam os epithetos dos valentes guerreiros de Homero.

Não sabemos o que admirar mais, se o melancholico quadro do cahir da tarde, com que se finalisa o primeiro canto, si a descripção do anoitecer nas regiões do norte do Brazil com que começa o segundo.

Quão poetico é tambem o episodio de Coema no segundo canto, um d'aquelles em que se derrama bastante ternura e suavidade de sentimentos. Ha nelle alguma cousa de idyllio e de elegia. A pintura que o poeta nos fez de Coema é de uma delicadeza de tintas que realmente encanta.

Outra passagem digna de nota é a scena em que o louco Piahyba apparece ao velho Ogyb e falla-lhe de Jatyr e de Coema. Ha nas palavras do louco o tom do desvario, confusão de idéas,

vertigem e delirio. Nessa passagem é até notavel a metrificação, cujo rythmo é muito expressivo.

No canto III sobresahem os versos que o abrem, desenhando a manhan, além dos que já citamos, traduzindo amargas queixas contra a extincção das *tabas* e a destruição de tantas florestas seculares.

Outra situação notavel é a que fecha o canto IV, na qual exhibe o poeta a embaixada de Jurucey junto aos Gamellas, situação em que ha lances imprevistos, entre os quaes avulta, como um dos mais palpitantes de interesse, aquelle em que Jurucey, ferido n'um braço por frecha traiçoeira, que mão desconhecida lhe atirára, se enche de indignação e apostropha os Gamellas por sua covardia, ameaçando-os com a perseguição que lhes faria Itajuba *por agua, ou terra, ou campos, ou florestas.*

Além d'estes primores, ha ainda muitos, mas são de sobra as bellezas que citamos.

É pena realmente que não fosse dado a Gonçalves Dias pôr termo á sua obra.

O plano era traçar em uma serie de quadros as luctas entre os Gamellas e os Tymbiras, e terminar o poema com a victoria dos Gamellas, sendo os Tymbiras repellidos de Tapuntapera, uma parte para o Mearim e Itapecurú, e outra internando-se pelo Amazonas, onde pereceria Itajuba no cimo de copada arvore, picado por uma cobra coral.

No decurso da acção proporcionaria quadros

admiraveis fallando-nos, d'entre outros, com grande louvor o Dr. Henriques Leal, da lucta de Jatyr com a onça e da descripção da pororoca do rio Amazonas.

Quanto fôra para desejar que esse plano tivesse sido realisado, e quão completa teria sido a victoria do autor dos *Tymbiras!*

No meio dos applausos que tem despertado o poema, não tem faltado quem lhe argua muitos erros e senões. Tel-os-ha talvez, mas nem tantos quantos descobriu a critica apaixonada e injusta.

Haverá erros e senões, mas deante de tantos primores de linguagem, de tantas imagens felizes, de tantas scenas esplendidas e de tantos versos harmoniosos, é difficil que se não diga que os *Tymbiras* são uma das mais ricas creações da nossa litteratura. E quem sabe se estava fadado para ser mesmo o mais bello poema epico brazileiro?

III

O LYRISMO DE FAGUNDES VARELLA

Fagundes Varella. Quanta recordação e quanta tristeza lembra este nome! Quantas esperanças cortadas em flôr ainda, e quanta miragem de roseo futuro dissipada tão cedo! Que pungentes saudades revive, mas que estremecimentos de enthusiasmo!

Foi elle mais uma victima da cruel fatalidade que parece mal fadar os grandes talentos, as promissoras vocações poeticas d'esta terra, detendo-os a meio caminho na peregrinação gloriosa que encetavam, e estorvando que revelem toda a sua pujança, que desempenhem inteira a sua missão divina, deixando-lhes apenas desferir os primeiros vôos e balbuciar as primeiras estrophes.

Mui cedo foi arrebatado da vida o cantor de Anchieta, foi arrebatado quando ainda se desenrolava ante seus olhos uma serie longa de aspi-

rações, quando lhe restava ainda no espirito mil ideáes para cantar.

Mas ainda assim em tão poucos annos, em sua rapida passagem pela vida, que rastilho luminoso, que profusão de primores não deixou?!

Varella era effectivamente um dos poetas brazileiros mais fecundos. O seu espirito creador, a sua imaginação rica e opulenta, não cessavam de produzir. Foi por isso que, morrendo quando apenas acabava de despedir-se da primavera e entrava no outono da vida, deixou tantos volumes de poesia.

Essas obras são titulos com que elle disputou e alcançou proeminente posto entre os primeiros poetas do Brazil.

Fagundes Varella é um dos poucos escriptores brazileiros, cujo cunho de *individualidade* está assignalado em suas obras. Ha nellas incontestavelmente a revelação do modo de ser, da maneira de sentir e de pensar do poeta. Nellas estão reflectidas a sua vida tempestuosa, as suas extravagancias e phantasias, as suas dores e esperanças, os seus enthusiasmos e os seus desdens, as suas crenças e as suas duvidas, os seus amores e as suas magoas e tristezas, as suas contemplações e as suas reflexões, os seus juizos e os seus devaneios.

Nas composições poeticas de Varella a critica acharia elementos para resuscitar os predicados da sua individualidade, não só litteraria, mas até social, si porventura desapparecessem todos os

outros dados, tão caracteristicas e expressivas são ellas.

Em Varella o que prepondera é a expontaneidade e originalidade da inspiração, a independencia quasi insubordinada de seu espirito e o sentimento nacional.

A feição do seu estro, era sobretudo lyrica, propendendo principalmente para o lyrismo sentimental.

O amor, a melancolia, a religião, a virtude, a familia e a patria eram os seus grandes ideáes, o assumpto predilecto dos seus cantos.

Coração bem formado e sensivel, commoviase com tudo quanto de nobre e elevado ha nos grandes sentimentos, e por isso Varella soube, inspirado, percorrer a escala do sentimento com delicadeza e expressão sincera e verdadeira.

Espirito contemplativo, extasiava-se diante das telas admiraveis da natureza, e nella inspirando-se, traçáva com mão de mestre em suas poesias tantas paisagens seductoras, onde se espelhavam o anil do nosso céo, o verde eterno das florestas e dos campos, a transparencia christalina das aguas, a magestade das montanhas azuladas, a vida e a animação derramada pelo sol dos tropicos. Soube tambem descrever tantas scenas encantadoras do viver campestre e rustico, havendo nessas descripções muita verdade e realidade.

Não faltou quem visse em certas composições de Varella a feição da escola de Byron. Não é

isso exacto. É certo que Varella pertenceu a uma geração de poetas, que se deixaram bastante arrastar pela embriaguez enthusiastica que n'elles produzio o *byronismo;* é certo que o autor das *Vozes d'America* idolatrava o genio poetico do escriptor da *Noite na Taverna;* mas tambem é certo que outros foram os seus ideáes, outro o tom em que cantou.

Não foi a musa do scepticismo, antes a da crença e da piedade que sempre o inspirou. Não foram o desvario das paixões, as emoções fortes, os delirios sensuaes que o arrastaram, foram antes as emoções suaves da vida do campo, os sentimentos ternos do amor, da tristeza, a adoração da patria e da familia.

Varella não se filiava rigorosamente á escola alguma. O seu espirito altivo e independente, a sua imaginação insubordinada e phantasiosa não n'o permittia. Si, porém, elle se apaixonava de alguma escola, era essa sem duvida a lamartineana, cujo caracter se coadunava mais com o seu sentir e pensar.

Como tantos outros poetas nossos, Varella não se restringiu a progammas de escolas, antes tomava por guia unica e exclusivamente as inspirações proprias. Cantava como queria e podia. Todas as suas creações, pois, eram espontaneas. E nellas o pensamento e a inspiração valiam tudo. A fórma era para elle cousa secundaria. Muitas vezes a apurava até tornal-a primor, é verdade, mas outras tantas d'ella se descurou.

A sua metrificação era variadissima. Não tinha predilecção por este ou aquelle metro, todos lhe serviam, de todos gostava, todos manejava com facilidade assombrosa. Amava, porém, a variedade e detestava a monotonia. É como se explica a diversidade de versificação de suas poesias.

A sofreguidão do seu espirito, o seu temperamento nervoso davam-lhe o prurido de escrever, mas tambem lhe tiravam a calma precisa e a paciencia indispensavel para meditar profundamente sobre as suas idéas inspiradas, para estudal-as e traduzil-as em fórma de bem acabado e artistico lavor.

Foi esse o defeito de Varella. Muitas de suas composições peccam pela fórma, cuja perfeição deveria sempre procurar attingir, porque é ella uma condição importantissima nas obras litterarias.

Tem muitos versos mal acabados, e por vezes cahiu em graves erros e descuidos de linguagem. Infringiu bastantes vezes as regras de construcção, usou de vocabulos mal apropriados, de phrases e palavras sem vernaculidade.

Quasi sempre, era isso oriundo do desleixo, e da distracção do poeta, como se póde provar pelos innumeros versos maravilhosos que fez, e pelos copiosos dizeres mui puros e correctos; o que não aconteceria si não soubesse architectar versos com arte e orações com grammatica.

Não se deve fazer grande cabedal dos erros que Varella commetteu, escudado talvez no dito de Boileau, « que vale mais o pensamento do que a fórma e a rima », por isso que tantas vezes elle os resgatou á custa de similhantes primores de harmonia e de locução.

Salvo essas sombras, o nome de Varella luminosamente se destaca como um dos poetas mais notaveis do Brazil.

Uma das qualidades que mais o distingue é a côr local de suas composições. Isso provém do grande enlevo que elle encontrava na contemplação e estudo da nossa natureza e dos nossos costumes. Passava dias inteiros a recrear a vista nos variados quadros, ora serras, ora aguas, ora florestas ou campos. Costumava fazer digressões pelos mattos. Entregava-se a estudos de botanica, e até levou a paixão pela natureza a ponto de conceber o projecto de ir viver entre os selvagens no seio das florestas, projecto que a morte não lhe permittiu tentar pôr em execução.

Em muitas producções de Varella reflecte-se esse pendor. O nativismo está denunciado nos coloridos, nas imagens pittorescas, no desenho fiel de personagens, puramente nossos.

Entre muitas outras paisagens individuamos *A Roça,* em que está em traços largos esboçado o viver rustico do roceiro e a tendencia do poeta a preferir o campo á cidade.

A primeira estancia vale só por si um quadro, cheio de animação e movimento.

« O balanço da rede, o bom fogo,
« Sob um tecto de humilde sapé;
« A palestra, os lundús, a viola,
« O cigarro, a modinha, o café; »

São de desenho e colorido eminentemente nacionaes, e de um lyrismo apaixonado e ardente as duas quadras:

« E depois um sorrir de roceira,
« Meigos gestos, requebros de amor;
« Seios nús, braços nús, tranças soltas,
« Molles fallas, edade de flor;

« Beijos dados sem medo ao ar livre,
« Risos francos, alegres serões,
« Mil brinquedos no campo ao sol posto
« Ao surgir da manhã mil canções. »

Desse genero é ainda o poema campestre *Mimosa*, em que ha muito cunho de nacionalidade. Todo esse pequeno poema respira simplicidade e reflecte a rudeza e o aspecto pittoresco das scenas do sertão.

Ahi ha bellissimos versos de um descriptivo encantador, e, entre outros, estes:

« Punha-se o sol, as sombras somnolentas
« Mansamente nos valles se alongavam,
« Bebiam na taberna os arrieiros
« E as bestas na poeira se espojavam.

« O fogo ardia vivido e brilhante
« No vasto rancho ao lado do giráo,
« Onde os tropeiros sobre fulvos couros
« Entregavam-se ao culto do pacáo.

« A caxaça alegrava os olhos todos,
« As cuias de café se repetiam,
« E as fátuas baforadas dos caximbos,
« Nos caibros fumarentos se perdiam.

« A viola soava alegremente,
« Que meigas notas! Que tanger dorido!
« Vida de sonhos, drama de aventuras,
« Não, vós não morrereis no mar do olvido! »

Mais adiante o retrato de Mimosa é feito com delicadeza e muita graça.

Como são encantadores e bonitos os respectivos versos, e como estes quantos não ha ainda?

Fôra longo citar todos os primores, em que derramou Varella, além de lyrismo, muita côr local.

E' muito brasileira a poesia da VI parte do poema *Juvenilia*, e cuja primeira estrophe é a seguinte:

« Es sultana das brasileas terras,
« A rosa mais balsamica das serras,
« A mais bella palmeira dos desertos;
« Tens nos olhares do infinito as festas
« E a mocidade eterna das florestas
« Na frescura dos labios entreabertos. »

As scismas á noite, *No ermo*, e tantas outras são reveladoras do espirito de nacionalidade de que dispunha Varella.

Era tambem de um lyrismo sentimental, dissemos, e disso deu bellos exemplos.

Percorreu, póde-se dizer, a gamma dos sentimentos, cantando o que ha de mais nobre e tocante.

Genio triste e melancolico, erguia-se em vôo sublime quando cantava a saudade e a dôr.

Como amostra nos lembramos destes versos, onde o sentimento da saudade é expressado de um modo tão eloquente e sincero, que commove:

« Saudades! Tenho saudades
« D'aquelles cerros azúes,
« Que á tarde o sol inundava
« De louros toques de luz!
« Tenho saudades dos prados,
« Dos coqueiros debruçados
« A' margem do ribeirão,
« E o dobre de Ave-Maria
« Que o sino da freguezia
« Lançava pela amplidão! »

Mas, quando a sua lyra despedio cantos mais sublimes pelo sentimento da dôr foi quando o poeta entoou o seu celebre *Cantico do Calvario.* Ahi está pintada a magua profunda e verdadeira, o affecto entranhado de pae.

Não faltou quem o comparasse ao *Jethsemani* de Lamartine.

No nosso entender poucas vezes a elegia entre nós teve uma expressão tão eloquente.

E' essa poesia tambem um exemplo do amor estremecido que o poeta consagrava á familia, de que elle fez um dos seus ideaes.

Foi assumpto tambem de seus cantos o desprezo das vaidades e condemnação das maldades e vicios da sociedade. Haja exemplo a sua poesia *A cidade, Viuva e Moça* e tantas outras.

O amor cantou elle em diversos tons. Teve

ás vezes a pureza de sentimentos de Lamartine os bucolismos virgilianos, e até as expansões joviaes e eroticas de Anacreonte.

Estas ultimas felizmente não são as que predominam. Nas poesias de amor elle não tem um lyrismo de um subjectivismo e *sensiblerie* exagerados. Ha no meio de toda brandura e suavidade certa energia no sentir e no exprimir.

Si por vezes cantou tambem Varella assumptos heroicos, é força convir que não erão esses os assumptos que se affeiçoavam mais ao seu temperamento, caracter e estro.

Ainda assim destacou-se, como no *Espectro de Santa Helena* e no *Pendão Auri-Verde*, em que ha versos admiraveis pela inspiração, vigor e sentimento.

Taes são as feições dominantes da physionomia litteraria do grande lyrico brazileiro.

Deixou-nos elle as *Nocturnas*, *As Vozes d'America*, *Os Cantos e Phantasias*, *Os cantos meridionáes*, *Os cantos do Ermo e da Cidade*, *O Pendão Auri-Verde* e o *Anchieta* ou o *Evangelho nas Selvas*.

Quem folhear os cinco primeiros volumes encontrará primores de poesia lyrica ; e tantos que não duvidará acclamar Varella um dos nossos primeiros lyricos.

A sua maior gloria, porém, é o *Anchieta* ou *Evangelho nas Selvas*, poema narrativo, de assumpto religioso.

Elle veio confirmar o renome e os laureis ceifados pelo poeta com os seus primeiros versos.

O nome de Varella é um dos queridos da patria, e passará á posteridade, sem empanar-lhe os brilhos a critica de Zoilos.

Não acontecerá com a sua gloria o que Varella dizia dos seus *Cantos e Phantasias*:

« Amanhã desapparecerá como as folhas arrebatadas pelo vento, como as cerrações da alvorada aos primeiros raios do sol. »

IV

O LYRISMO DE BERNARDO GUIMARÃES

Dos poetas da passada geração litteraria, daquella que vai desapparecendo e cedendo lugar a uma geração nova que despontou, d'aquella pleiade de talentos, cheios de enthusiasmo e vigor, que abandonaram as bancadas da Academia de S. Paulo, ha uns vinte e cinco ou trinta annos, já laureados e de nomeada feita, é Bernardo Guimarães um dos poucos representantes que restam e o unico talvez que ainda conserva a mesma adoração pela poesia, o mesmo ardor no estudo e no trabalho, e, quem sabe? as mesmas illusões, os mesmos ideáes romanescos.

Passados tantos annos, quando tantos companheiros seus emmudeceram, quando tantos desanimaram, quando tantos outros trocaram o labor litterario por outras occupações, Bernardo Guimarães ainda trabalha, ainda lucta, e, o que é mais, ainda produz aprimoradas e bellas obras.

A sua lyra não ficou silenciosa, o seu estro não enfraqueceu. Bernardo Guimarães ainda canta, com o mesmo enthusiasmo de outr'ora, com a inspiração dos tempos juvenis.

E' um dos poucos que se têm conservado no seu posto.

O Ermitão do Muquem, o *Garimpeiro*, o *Seminarista*, e tantas outras creações com que tem enriquecido o romance nacional, conquistaram para Bernardo Guimarães a nomeada de notavel e fecundo romancista.

Como romancista e como poeta é de caracter summamente brazileiro. As suas producções nada têm de exoticas, são filhas genuinas de inspiração brazileira.

Nisso está um dos grandes meritos do poeta mineiro.

Vendo na nossa natureza, nas nossas scenas, costumes e usos um manancial abundante e rico de inspiração, não só o aproveitou, como jamais o esqueceu.

Tem cantado em varios tons, varios têm sido os assumptos, mas nessa diversidade conserva-se sempre inalteravel não só a côr local, mas ainda o cunho individual do poeta.

Por mais oppostos que sejão os objectos de suas composições, descobre-se em todas ellas o mesmo ar de familia, reconhece-se o laço que as une todas como irmãs, o que muito bem notou um dos nossos mais conhecidos criticos.

A musa de Bernardo Guimarães é essencialmente lyrica, e apresenta sobretudo duas faces bem pronunciadas e oppostas.

Ora é melancolica e plangente, canta as grandes dores, as tristezas, os sentimentos acerbos e pungitivos; ora é comica, satyrica, humoristica, zomba e escarnece dos ridiculos da sociedade ou se desenfastia rindo á custa de phantasias burlescas e folgazãs.

O poeta, quando vibra as cordas da tristeza e da saudade, é superior. E' essa incontestavelmente a feição em que se assignala com maior vantagem. O tom predilecto, ao que parece, do poeta é a elegia. E' o tom de que mais vezes usa, que mais condiz com o seu caracter, e o que domina nos seus mais inspirados cantos.

Mais do que nenhum outro poeta nosso, é o auctor dos *Cantos da Solidão*, lamartineano. A suavidade de sentimentos, as tristezas indefiniveis, as dores pungentes e acerbas que traduz em seus versos, ahi estão para o revelar.

Em dous volumes colleccionou elle suas obras poeticas. Longo intervallo correu entre a publicação de um a outro. Nesse periodo a musa do poeta em nada mudou. A mesma inspiração e os mesmos sentimentos de outr'ora perduraram. Apenas o poeta ensaiou cantar no genero heroico. Faltou-lhe, porém, para isso o vigor e a energia, e o ensaio ficou em tentativa, não estando esse genero na indole do poeta.

Poucos são os que podem cantar em todos os tons. Os Gonçalves Dias e os Varella são mui raros.

Si Bernardo Guimarães não dispõe de um estro capaz de se amoldar a uma grande diversidade de assumptos, em compensação, como já dissemos, é dotado de uma feição lyrica elegiaca, muito pronunciada. Sob este aspecto é quasi incomparavel entre nós.

Elle não tem a espontaneidade de Varella, mas em troca o sobrepuja pela philosophia. As suas composições denotam muita meditação, e concentração de espirito. Não são relampagos de inspiração do momento, são antes filhas de sentimentos reflectidos.

E é por isso, e por ser assaz lido em bons autores, que Bernardo Guimarães tem um dizer mais correcto e puro que o de Varella.

A sua metrificação não é das mais variadas. Bernardo Guimarães faz uso de limitadas fórmas de verso.

O que é forçoso convir, porém, é que em geral o seu verso é bem moldado e bem acabado. Nisso leva elle vantagem a muitos poetas que por ahi andam.

Cantando no alaúde, não é poeta de um sentimentalismo doentio e chorão, antes lhe vibra as cordas com energia e nobreza.

Quando por vezes canta na lyra o amor, nada tem de falso e exagerado, affastando-se com-

pletamente do lyrismo insôsso, estafado e piegas da maioria dos vates namorados, que vivem eternamente a cantar as brisas e a lua, assim como a fazer juras e hyperbolicos retratos de suas *ellas*.

Isso provém da naturalidade com que Bernardo Guimarães canta. A sua musa não tem affectações, nem derriços; é sentimental, é melancolica, é amorosa, mas é sobria, é nobre, é natural e sincera.

É só assim que consegue o poeta interessar e commover, e é por isso que o poeta das *Inspirações da Tarde* é tão querido e apreciado.

Quem ha que se não enterneça com as suas elegias, que se deixe tambem de possuir das tristezas que o poeta nellas derrama?

São ellas tão verdadeiras, tão intimas, estão tanto de accordo com o temperamento do escriptor! Elle mesmo o confessa, quando diz, por exemplo, no seu « Preludio » dos *Cantos da Solidão:*

« Neste alaúde, que a saudade afina
« Apraz-me ás vezes descantar lembranças
« De um tempo mais ditoso;

« De um tempo em que entre sonhos de ventura
« Minha alma repousava adormecida
« Nos braços da esperança.

« Eu amo essas lembranças, como o cysne
« Ama seu lago azul, ou como a pomba
« Dos bosques a sombra, ama.

São bellissimos os seus versos neste genero. *Os Cantos da Solidão* encerram bastantes spe-

cimens, começando pela dedicatoria; o mais notavel, comtudo, é o *Ermo*.

Nesta poesia, uma das mais inspiradas de Guimarães, ha muito a admirar. Ha a belleza da concepção que é viva, o verso harmonioso e muita originalidade. É palpitante de vida e de verdade. Tem muito nativismo e sentimento.

O poeta das *Phalenas* e das *Americanas* tractando d'essa poesia, fal-o nestas eloquentes e expressivas palavras:

« No *Ermo* o poeta convida a musa a ir ver a natureza, onde ella se ostenta mais viva e mais formosa; a descripção da floresta é feita em cerca de trinta versos magnificos de vigor e de colorido; chora depois as tribus extinctas, commemora as suas façanhas, descreve com sobriedade e rapidez a vida indigena, cujo amor ás solidões da floresta tanto se harmonisa com as preferencias intimas do poeta. A descripção da derrubada e do incendio é excellente; o poeta pinta esses espectaculos, como quem os vio e conhece; depois chora sobre essa violação do sanctuario do ermo; mas, interrogando o machado e o fogo, acha que elles são o agente da civilisação e do progresso; tanto basta para consolar a virgem da floresta, a quem prediz, em troca das graças naturaes e agrestes, as galas da civilisação e a força do poder; mas accrescenta o poeta, (para quem o espectaculo do ermo vale ainda mais que o espectaculo da cidade) mas, se ella um dia volver

os olhos ao passado, talvez tenha saudades de seus bosques e da sua rude infancia. »

Depois do relevo dado a essa poesia com tanto primor por tão peregrino talento, que mais devemos adduzir?

Pois de egual sentimento e valor tem ainda Bernardo Guimarães algumas outras poesias.

São mui formosos os versos em que descreve a visita á sepultura do irmão, e os que dedica á sepultura do escravo.

O Destino do Vate, poesia consagrada á memoria de Dutra e Mello, é uma eloquente e feliz concepção.

Nas *Inspirações da Tarde* é onde o poeta derramou mais profusamente o sentimento da tristeza e da saudade.

Ha ahi versos admiraveis, desde a *Invocação á Saudade* até o *Sabiá* e o *Hymno á Tarde.*

Esta ultima poesia é um dos cantos mais sentidos que o poeta entoou, e faz lembrar, pela commoção que produz, os versos de Millevoye e Lamartine.

Ha sobretudo muita eloquencia e sentimento nos derradeiros versos quando o poeta exclama:

« Adeos, ó tarde! — Já nas frouxas cordas
« Rouqueja o canto, e a voz me desfallece....
« Mil e mil vezes raiarás ainda
« N'estes sitios saudosos, que escutárão
« De minha lyra o deleixado accento;
« Mas, ai de mim!... nas solitarias veigas
« Não mais escutarás a voz do bardo,
« Hymnos casando ao sussurrar da brisa

« Para saudar teus magicos fulgores.
« Silenciosa e triste está minha alma,
« Bem como lyra de estaladas cordas,
« Que o trovador esquece pendurada
« No ramo do arvoredo,
« Em ocio triste balançando ao vento.

Algumas vezes além do sentimento da tristeza assalta ao poeta a duvida e a descrença, é então que elle canta o *Devanear do Sceptico*, o *Desalento*, a *Esperança* e tantas outras.

Cantou tambem á lyra o amor, e mesmo então nota-se-lhe certa melancolia, como se vê nas *Evocações*.

Quando a sua musa quiz despir-se dos véos da tristeza, tornou-se prazenteira e cantou em tom humoristico, não foi tão feliz. Não é que lhe falte totalmente a graça, mas muitas vezes essa é forçada. Ainda assim o poeta tem incontestavel veia comica. Elle para o que não tem disposição é para a satyra. Sabe fazer rir, mas não atirar o dardo do epigramma, que fere, mas cura o vicio.

Entre as poesias humoristicas de Bernardo Guimarães são apreciadas bastante o *Diluvio de papel*, a *Saia Balão*, *A meu anniversario* e outras.

Achamos que neste genero é quasi sempre falso, exagerado, sem espontaneidade, e insistente, por vezes demasiado, em um assumpto.

Para nós, em resumo, onde Bernardo Guimarães sobresahe é no genero elegiaco. Ahi elle

se expande, transborda toda a força de seus sentimentos, e a inspiração não o abandona.

Quem cantou a *Bahia de Botafogo*, as *Inspirações da Tarde* e os *Cantos da Solidão*, revelou-se poeta notavel, caracterisado por um lyrismo apaixonado e nobre; por um sentimento profundo; por uma tristeza e melancolia communicativas; por uma cor local genuinamente brazileira.

Tal é Bernardo Guimarães.

Prouvera a Deus que, máo grado as primeiras cans que começam a alvejar-lhe sobre a fronte, tomasse a si a tarefa de iniciar um movimento revolucionario na nossa poesia, e que, dando o rebate aos talentos da nova geração que desponta, lhes ensinasse o caminho para os arraiáes da poesia hodierna, e lhes servisse de guia para a peregrinação a Canaan dos novos ideáes.

FIM